

## 2

### HENRY BERGSON, O FILÓSOFO DO TEMPO

“Foi a análise da noção de tempo que perturbou todas as minhas idéias.”<sup>27</sup>

Henry Bergson

A fotografia é a mídia do tempo. Nosso foco nesse trabalho é justamente as fotografias de Hiroshi Sugimoto e esse diálogo íntimo que ele faz entre suas obras fotográficas e a questão do tempo e da memória. Mas o que é o tempo, como explicá-lo? Estamos aqui falando do tempo, das diferentes maneiras de entender o tempo, das diferentes questões referentes ao tempo mas, na verdade, descrever o tempo, defini-lo em conceito é extremamente difícil. Nós temos uma experiência constante do tempo através das mudanças dos estados da nossa consciência e do mundo exterior. No entanto, esse tempo é de alguma maneira preenchido por fenômenos e em consequência só nos apresenta fenômenos temporais e não o tempo em si. Expor o tempo e conceituá-lo é uma tarefa muito complexa e espinhosa. Encontramos no caminho inúmeras dificuldades, pois o tempo é imaterial, universal e infinito. Sua natureza é fugidia e de difícil tradução, nós que queremos conceituar o tempo estamos mergulhados nele. Como relatou tão bem Santo Agostinho em suas *Confissões*:

O que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? (...) Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo?<sup>28</sup>

Proponhamos uma definição geral para tentar contornar essas dificuldades: o tempo é a dimensão universal, necessária e mensurável da sucessão irreversível dos fenômenos. Essa definição associa claramente a idéia de tempo à idéia de sucessão, pois o tempo pressupõe mudanças, e a mudança se define como uma sucessão de estados. A idéia de sucessão pressupõe a idéia de diferença. Graças a nossa recordação e experiência, a nossa percepção (como o

---

<sup>27</sup> BERGSON, 1991, pg. 1561.

<sup>28</sup> Santo Agostinho, *Confessions*, L. XI, cap. XIV. Paris: Garnier – Flammarion, 1964.

que soa aos nossos ouvidos, ou o que vemos diante de nossos olhos) no presente confronta-se com o latente: o que virá confronta-se ao explícito e ao latente no momento presente. Aquilo que está soando adquire significação por contraposição à recordação da memória, e o produto dessa confrontação presente antecipa, por uma espécie de lógica do sentido, o que virá e o que atua, também, presentemente.

Outra questão do tempo é sua irreversibilidade, ou seja, a impossibilidade de inverter a direção do tempo e de reproduzir um acontecimento passado. Essa é a essência da temporalidade e, em função deste princípio, cada acontecimento é único apesar das semelhanças superficiais da experiência. Essa irreversibilidade é própria do tempo, em contraste com a memória que pode ir e vir em qualquer direção. O vivenciado, no tempo, não volta jamais.

A medição é outro aspecto que está intimamente associado à idéia de tempo. É na elaboração racional e tecnológica dos instrumentos de medida do tempo que se produz o elemento mensurável. Aristóteles definia o tempo como “a medida do movimento.”<sup>29</sup> Realmente, estabelecer uma unidade de tempo, compará-la a outros segmentos temporais de acordo com uma quantidade calculável é também indissociável da experiência do tempo. Isso se deve muito aos ritmos naturais, facilmente observados a todo o momento na natureza: os dias e as noites, as estações, os deslocamentos dos planetas, os ciclos lunares, o movimento dos astros, por exemplo. Lendo textos de Platão, Aristóteles e Homero, podemos perceber que a Antiguidade clássica grega era uma época que subordinava o tempo a essa percepção exterior dos ciclos naturais. Nós não podemos conceber a supressão do tempo, assim como do espaço, pois a temporalidade coincide com o movimento de nossas vidas, com as mudanças externas do mundo, com a própria existência.

Existe uma conceituação de tempo racional e mensurável ligada à idéia de sucessão aristotélica, de percepção exterior ou de um conceito de tempo orientado e irreversível. Mas o tempo não é só medição lógica, o tempo dito real não pode

---

<sup>29</sup> ARISTÓTELES. *Física*. Livro IV.

ser medido. E é aqui, contra essa concepção racional do tempo, que estudiosos e filósofos, entre eles Henry Bergson, vão insurgir.

Bergson ponderou longamente sobre as questões do tempo em inúmeros de seus ensaios. Ele tentou explicá-las, entendê-las, conceitua-las ao longo de toda sua obra literária e filosófica. Henry Bergson foi um filósofo francês (nasceu em Paris em 1859) muito influente na primeira metade do século XX. Ele era professor de filosofia no *Collège de France* e entre muitos livros publicados, ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1927 pelo seu ensaio *A Evolução Criadora*. Para esse grande pensador, o tempo se distingue entre o tempo objetivo e mensurável, objeto da ciência moderna, e o tempo ligado à experiência individual, tempo qualitativo, subjetivo e não mensurável. Com efeito, o tempo pode ser apreendido por uma consciência, através de estados afetivos, corporais e de suas lembranças, ou seja, através de uma subjetividade, ou pela inteligência, através da medição, sob a forma de um tempo objetivo. O homem é um ser imergido em temporalidades, sejam essas ligadas a uma interioridade ou a uma exterioridade.

Em seu ensaio *Duração e Simultaneidade*, escrito em 1922, ele se utiliza de uma boa metáfora para distinguir essas diferentes considerações que ele atribui ao tempo:

Se eu passar meu dedo sobre uma folha de papel sem olhar para ela, o movimento que realizo, percebido de dentro, é uma continuidade de consciência, algo de meu próprio fluxo, duração, enfim. Se, agora, abrir os olhos, verei que meu dedo traça sobre a folha de papel uma linha que se conserva, onde tudo é justaposição e não mais sucessão; tenho aí algo da ordem do desenrolado, que é o registro do efeito do movimento e que também será seu símbolo. Ora, essa linha é divisível, ela é mensurável.<sup>30</sup>

Portanto o tempo pode ser sim medido por intermédio do movimento. E esse tempo, objetivo e mensurável, está ligado à naturalidade que é para nós medir o tempo através do deslocamento. Bergson pontua inclusive que o tempo, para ele, só pode ser contado graças “a simultaneidade entre dois instantes de dois

---

<sup>30</sup> BERGSON, 2006, pg. 58.

movimentos exteriores a nós.”<sup>31</sup> Essas simultaneidades, continua ele, traduzem nossa incapacidade de exprimir a natureza do tempo real, elas são “simples visões mentais, que balizam com paradas virtuais a duração consciente e o movimento real.”<sup>32</sup> O tempo real é aberto, fluido, não compreende limites, não compreende instantes, não se detém, escoia infinitamente, perpetua mudanças contínuas. Diante dessas dificuldades e dessa tendência que o tempo tem de nos escapar, tentamos ordenar o instável, é uma necessidade para nós, uma espécie de sobrevivência. É importante para nosso corpo e para nossa ação, “traçar divisões na continuidade da extensão, cedendo às sugestões da necessidade e aos imperativos da vida prática.”<sup>33</sup> “A inteligência humana, que é uma faculdade dirigida para a ação, tende a procurar o estável, a construir um campo de estabilidade em que possamos agir para a vida.”<sup>34</sup> Ou seja, traçamos uma divisão entre o tempo real, que é de difícil acesso, sempre fugidivo, em mutação, extremamente inconstante e que Bergson dá o nome de duração e que seria o tempo “*em que agimos*”, e o tempo da vida prática, necessário para nossas ações cotidianas, útil para nosso conhecimento usual e científico, próprio a nossa constituição intelectual e que ele chama de tempo “*em que nos vemos agir*.”<sup>35</sup>

Esse tempo objetivo, útil e natural, é um tempo ligado ao espaço, como diz Bergson, um movimento aplicado contra um espaço percorrido. O que fazemos é simplesmente coincidir a trajetória com o trajeto. E esse trajeto, inserido no espaço, é uma malha divisível e controlável, mas fácil de entendimento, compreensão e apreensão. Com isso objetivamos o tempo, e inserindo-o no espaço, o tornamos científico. A geometrização do espaço ou “matematização” do universo permite concebê-lo como uma escrita de caracteres matemáticos. Porém, esse método só ajuda a explicar o que se produz mecanicamente, de jeito sempre igual, e no fundo, acaba sendo uma realidade abstrata. A realidade das ciências não vive, como podemos dizer, por exemplo, de uma obra artística, que está sempre em movimento. Bergson quer justamente pensar o que escapa à ciência, ou seja, ele quer pensar a realidade viva, em

---

<sup>31</sup> BERGSON, 2006, pg. 67.

<sup>32</sup> Idem, Ibidem, pg. 71.

<sup>33</sup> Idem, Ibidem, pg. 246.

<sup>34</sup> PINTO, 2004, pg. 59.

<sup>35</sup> BERGSON, 2006, pg. 217.

constante transformação e mudança. É o caso de substituir um pensamento instrumental por um pensamento vivo, a vida não está susceptível a leis e quantificações matemáticas a que está um objeto material. A filosofia de Bergson seria uma filosofia da vida, que casaria com o real sem que nenhuma mediação diminua a intimidade. Como diz a teórica Ana Maria Baptista, o homem “é um ser exilado em seu próprio tempo.”<sup>36</sup>

Apesar de sua utilidade prática, Bergson critica o tempo dos cientistas, o tempo objetivo mensurável, pois para ele esse tempo não seria o tempo real, mas um tempo esquemático e espacial, incompatível com o tempo que é o próprio tecido do real, ou seja, o tempo que Bergson, como já dissemos antes, define como sucessão, continuidade, mudança e criação: o tempo subjetivo. Esse tempo não é espaço, ele escapa às matemáticas e às medições, ele é passagem, mudança, transformação, devir. Mais uma vez, em seu ensaio *Duração e Simultaneidade*, Bergson se utiliza de uma comparação entre o tempo subjetivo e a melodia musical. A música é mais do que apenas fragmentos de notas, ritmos e métricas, é mais do que instantes separados na partitura para facilitar a ação do músico, ela é obra ativa na sua performance - móvel, dinâmica e viva - e mantém uma interação com o ouvinte, também ativo, com sua consciência e sua memória.

Uma melodia que ouvimos com os olhos fechados, pensando apenas nela, está muito perto de coincidir com esse tempo que é a própria fluidez de nossa vida interior; mas ainda tem qualidades demais, determinação demais, e seria preciso começar por apagar a diferença entre os sons, e depois abolir as características distintivas do próprio som (...) para encontrar por fim o tempo fundamental. Assim é a duração (...).<sup>37</sup>

Chamamos de temporalidade subjetiva uma temporalidade vivida através das mudanças sucessivas da consciência interior. Henri Bergson acredita que a noção de tempo não se dá fora da consciência, e, se o tempo é um dado imediato da consciência, sua objetividade é de ordem subjetiva: uma duração interior.

O que ocorre é que, em qualquer instante da vida, esse ser que antecipa o futuro concomitantemente conserva o passado (...). Se olharmos com atenção o que se passa na nossa relação com o real, verificamos justamente que algo se passa, isto é, estamos sempre diante de algo que está se passando, portanto é passado, já

<sup>36</sup> BAPTISTA; PEREIRA, 2007, pg. 305.

<sup>37</sup> BERGSON, 2006, pg. 52.

passou e continua passando – em última análise (...) o presente não é. Os fatos devêm, passam e se conservam para uma consciência. A consciência é esse “vir-a-ser”, esse devir.<sup>38</sup>

Esse tempo interior trás algumas conseqüências, ele afeta diretamente nossa concepção de realidade e nossa concepção de nós mesmos, por exemplo. A consciência, longe de ser um ato racional, se verifica como sendo memória, ela é acumulação e antecipação do passado e projeta uma personalidade original para o futuro, em um ato de criação. É essa faculdade da memória que irá instaurar uma continuidade na existência, ligando o passado ao futuro, e garantindo uma unidade do eu, que passa a ser centro e essência de todas as experiências no tempo. A memória será a capacidade de articulação no e do tempo, mas não uma memória pessoal e sim uma memória interior à própria mudança. Como dizia o filósofo Husserl, não existiria um ponto sem memória.

Em oposição a um tempo objetivo reconstruído pela inteligência, estático e racional, Bergson dá a esse tempo subjetivo, indivisível e em constante mudança, o nome de duração, que seria, como ele explica em seu *Essai sur les Donnés Immédiates de la Conscience*, uma “forma que toma a sucessão de nossos estados de consciência quando nosso eu se deixa viver.”<sup>39</sup> Para ele, a duração é a própria consciência e a consciência é memória, ou seja, uma mistura de estados e tempos subjetivos, um passado que se liga a um futuro mas que não desaparece, se conserva, em um ir e vir. A duração está intrinsecamente ligada aos fenômenos da vida, ela é consciência, memória e liberdade.

(...) não há estado de alma, por mais simples que seja, que não mude a cada instante, pois não há consciência sem memória, não há continuação de um estado sem adição, ao sentimento presente, da lembrança de momentos passados. Nisto consiste a duração.<sup>40</sup>

Para o filósofo, a única experiência possível é a da duração, pois o instante será sempre uma criação objetiva do tempo: tempo espacializado, contínuo, quantitativo, divisível ao infinito e racional. A duração seria a realidade em movimento ininterrupto, interior e vital que se faz continuamente. Seria um

<sup>38</sup> PINTO, 2004, pg. 61.

<sup>39</sup> BERGSON, 1991, pg. 67.

<sup>40</sup> HEIDEGGER, 1978, pg. 16.

prolongamento contínuo do passado no presente que penetra no futuro, um fluxo substancial da vida e do espírito, uma realidade movente, una e simples.

A duração é instável, misturada de tempos vividos, imóvel, subjetiva. Em contraposição ao instante que seria uma criação facilitadora, calcado na divisibilidade do espaço, e que amenizaria a duração. A duração, qualitativa, descontínua, apreendida como dado imediato da consciência, se opõe a um tempo espacializado, estável, quantitativo, lógico e possível de reconstrução artificial pela inteligência.

Temos o verdadeiro tempo da consciência como um tempo não intelectualizado e externo, mas solto, livre e interno. Bergson não quer ser espectador de seu pensamento, mas ator. É real não o que uma inteligência concebe, mas tudo que é percebido e perceptível: um fato real é um fato experimentado ou vivenciado por uma consciência. Mas um fato vivenciado antes dos conceitos ou dos símbolos, pois os conceitos não permitem jamais apreender um real original. A inteligência, e com ela, a linguagem, não dá conta de abranger o real. Bergson demonstra ao longo de sua obra que a inteligência está ligada à percepção e ao corpo, e a percepção seria um processo de recorte do real com a finalidade de orientar o nosso corpo para a ação. Mas a realidade ultrapassa a percepção e essa ação que se dá no âmbito dos objetos materiais não abarca a totalidade da duração. Ou seja, a inteligência é um pensamento calcado na matéria, está destinada ao conhecimento da dimensão material do universo e aplica-se perfeitamente aos fenômenos físicos de nossas ciências positivas, mas a ciência não explica o real, o simboliza. Enquanto o pensamento imediato é o pensamento das coisas, o pensamento simbólico é apenas uma duplicação. “A inteligência é um produto da evolução, e só por isso já se mostraria incompleta para dar conta do movimento evolutivo como um todo.”<sup>41</sup> Precisamos então de uma certa ingenuidade, de uma consciência “não prevenida”, de uma intuição que nos permita esgotar de novo o real da sua essência.

Bergson define metaforicamente a intuição como um tipo de simpatia espiritual na qual nos transportamos para dentro do objeto para apreender o que a

---

<sup>41</sup> PINTO, 2004, pg. 50.

inteligência é incapaz de exprimir. “Pela intuição entra-se no objeto (...). Assim, esse objeto nos fala de sua realidade e não daquela que se quer que ele tenha.”<sup>42</sup> A experiência intuitiva nos leva para dentro do objeto e de seu *élan vital*, outro termo importante no sistema de idéias de Bergson. *Élan Vital* seria o princípio de todas as coisas, o movimento criador.

Para Bergson, o método intuitivo seria uma espécie de percepção mais alargada, mais próxima da temporalidade pura, mais em contato com a realidade em si. A arte, por exemplo, seria um meio capaz de nos fazer ver o que é essa intuição da vida que se dá como duração verdadeira (não tempo espacializado, ou linha do tempo, mas tempos misturados – passado, presente, futuro – e tempo vivido). Santo Agostinho, filósofo que também discutiu muito sobre as questões do tempo, dizia:

Mas talvez fosse próprio afirmar que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras.<sup>43</sup>

O tempo como vemos não é estático e previsível, ele vai se configurando, móvel e ativo. Ele não se repete e não poderá haver dois momentos iguais. E o trabalho do filósofo é ir mais longe, desconfiar dos símbolos imaginativos e das normas do senso comum, mergulhar intuitivamente e desvendar o tempo real, a duração real no domínio da vida e da consciência. Bergson afirma “que deve haver um empenho no sentido de seguir a realidade em todas as suas sinuosidades e de adotar o próprio movimento da vida interior das coisas.”<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> AMORIM; HABITZREUTER, 2008, pg 4.

<sup>43</sup> Santo Agostinho, 1980, pg. 222.

<sup>44</sup> SEINCMAN, 2001, pg. 31.